

Reflexões sobre a importância do psicodiagnóstico na atualidade*

Maria Luiza Scrosoppi Persicano

Propõe o psicodiagnóstico como o método psicodiagnóstico de pensamento. É forma de pensamento própria e específica do psicólogo aplicado, que aqui é denominada esquema, estrutura, sistema ou processo de pensamento. O pensamento psicodiagnóstico é processo cognitivo, o qual, como tal, é tanto intelectual quanto afetivo. Cognição é mais do que inteligência e qualquer cognição é antes de tudo atitude afetiva.

Palavras-chave: Psicodiagnóstico, método, pensamento, cognição

* Versão revista e ampliada de Conferência de Abertura do I Simpósio de Psicodiagnóstico das FMU, São Paulo, 25.8.1997.

O tema que me foi solicitado se refere a uma reflexão a respeito do papel que ainda hoje tem o psicodiagnóstico e poderia ser desenvolvido a partir de diversos enfoques. Nós psicólogos nos acostumamos, desde o início do século, à noção de psicodiagnóstico como um conjunto de práticas e técnicas (testes, observações, entrevistas, questionários, inventários) que configuram um método de conhecimento do estado atual do psiquismo de uma pessoa, com possibilidades prognósticas. Além disso, sempre que alguém nos pergunta a respeito do psicodiagnóstico, logo começamos a falar de psicodiagnóstico infantil. Sempre ficou um tanto à margem da formação o psicodiagnóstico de adultos, de família e grupal, quando não denominado diferentemente. Entretanto, pretendo aqui defender que psicodiagnóstico é, para a psicologia, muito mais do que um método com tal conjunto de técnicas e práticas. Trata-se de pensar que psicodiagnóstico é algo que faz parte de toda a prática da psicologia aplicada ao humano. De que modo? Em primeiro lugar, não, restritivamente, como uma parte ou um dos métodos da psicologia clínica. Em segundo lugar, como *o método*, por excelência, da psicologia aplicada, pelo qual ela aborda seu objeto de interesse: *o método psicodiagnóstico de pensamento*, como o denominarei. Em terceiro, que este método se constitui em uma forma de pensamento própria e específica do psicólogo, que ficaria melhor denominada como um *esquema*, uma *estrutura*, um *sistema* ou *processo* de pensamento.¹

No passado, na atualidade e sempre que continuar existindo uma abordagem científica do mundo denominada psicologia, a importância da contribuição de uma forma psicodiagnóstica de pensamento se apresenta. Quando pensamos em psicodiagnóstico, muitas vezes cometemos o erro de pensarmos apenas em um

1. Para o âmbito deste trabalho deixarei de definir e discutir que diferenças de opções teóricas podem implicar estes conceitos.

método da psicologia clínica, quer em uma ou outra técnica específica de psicodiagnóstico (técnicas diretivas ou não diretivas; testes psicológicos, observações livres, entrevistas, questionários...), quer no conjunto de todas elas. Na verdade, proponho pensarmos em um sistema de pensamento psicodiagnóstico característico e específico utilizado o tempo todo pela psicologia aplicada – não só pela psicologia clínica.

Assim proponho algo bem mais abrangente que a idéia de alguns autores, como a de Trinca a respeito do “pensamento clínico em diagnóstico de personalidade” (Trinca, 1983). Muito mais do que isto, uma forma, estrutura, sistema, esquema ou processo de pensamento utilizado em toda a psicologia aplicada quando busca conhecer e intervir sobre seu objeto de interesse nas diferentes áreas de atuação aplicada: clínica, escolar, industrial, institucional e grupal. Em todas elas, o psicólogo está sempre efetuando psicodiagnóstico em seu objeto humano de estudo e intervenção, seja este objeto abordado como indivíduo ou grupo, ou instituição ou comunidade, seja ele referido a uma ou mais das categorias gerais de enfoque, como desenvolvimento, aprendizagem, cognição-inteligência, perceptomotricidade, personalidade, sociabilidade, criatividade etc.

Sou psicóloga clínica e psicanalista, sempre trabalhei sobretudo na clínica, mas tenho tido oportunidade, em meu percurso profissional, de atuar, além do atendimento individual, diretamente e como supervisora, tanto na clínica particular como na instituição pública, como nas instituições educacionais de formação, com as áreas mais variadas: grupos e famílias das mais diversas configurações de queixa e problemática, e, fora da psicologia clínica, com instituições e comunidades diversas.

Assim, tenho observado, desde 1970, que o que nós psicólogos exercitamos e usamos na psicologia aplicada, sempre, o tempo todo, quer estejamos na clínica, na escola, na instituição a mais diversa – do hospital à escola, à indústria, às varas judiciárias –, quer estejamos dentro da comunidade ou da casa de família, em todas estas situações, utilizamos o que eu chamarei, provisoriamente, de forma psicodiagnóstica de pensamento.

O psicólogo exerce um atividade de pensamento, uma forma de abordar seu objeto, que eu chamaria de psicodiagnóstica. Afirmo que isto define e diferencia a nossa ciência das outras, no momento em que abordamos, entramos em contato com qualquer clientela, em qualquer tipo de ambiente, em qualquer situação, até em situação normal de vida como, por exemplo, ao se entrar numa família. O tempo todo, nossa mente aborda o objeto de um modo que eu chamaria de processo psicodiagnóstico de pensamento, sistema, forma, estrutura ou esquema de pensamento psicodiagnóstico, que se desencadeia imediatamente na mente do profissional.

Não precisa ser aquele clássico processo psicodiagnóstico, no qual se faz uma entrevista para saber o que se passa com uma pessoa, após a própria pessoa ou a

família nos procurar com uma queixa, e, em seguida, se faz uma coletânea de testes psicológicos, observações e até se vai à família para observações de sua dinâmica. O psicodiagnóstico não pode continuar, assim, restrito como conceito. A estrutura psicodiagnóstica não é pensamento clínico, pelo menos não é meramente pensamento clínico, é sim pensamento psicodiagnóstico característico da ciência da psicologia aplicada ao humano. Se observarmos bem, se o psicólogo está em uma escola, qual é seu eixo de atividade? Observar e entrevistar, para formar uma noção a respeito da classe, do indivíduo na classe, da relação professor/aluno, professor/classe, professor/diretoria, tudo isto fazendo parte de um pensamento que considero o pensamento psicodiagnóstico, característico da psicologia. Qualquer intervenção estará, não temos como negá-lo, continuamente, interligada a isto.

É uma forma de pensamento a ser desenvolvida, aprendida e treinada pelo psicólogo em formação e, também, é um sistema de pensamento que exercita análise e síntese, indução e dedução, no próprio processo de aprendizagem deste pensamento, até que se organize um esquema rico de pensamento que possa funcionar cada vez mais com maior fluidez e agilidade. Desde que não se detenha ou salte as etapas iniciais quase “obsessivas” na aprendizagem do mesmo. Considero a aprendizagem e o treinamento em diagnóstico psicométrico, por exemplo, uma etapa nesta direção e uma prática insubstituível para alcançar e manter este objetivo.

Quem quer ficar só com o “eureka” do ato de criação presente em todo psicodiagnóstico, não constrói a forma final integrada, não cria o objeto inteiro de Trinca (1983) e da psicanálise. É necessário muita aquisição de conhecimentos parciais e esparsos, não integrados ainda em um todo compreensível, aprofundados minuciosamente em sua especificidade, antes de qualquer finalização integrada do objeto de estudo em nossa cabeça; enfim, antes da conclusão de um psicodiagnóstico. Trata-se, portanto, de um aprendizado necessariamente árduo no início, demandando tempo, paciência, perseverança, tolerância à frustração em alto grau. Isso, quanto mais o aprendiz é iniciante. Reduz-se o esforço necessário com a experiência continuada, mas nunca reduzindo-se por completo, e de quando em quando o profissional experiente deve retornar às origens do método de aprendizagem. Por exemplo, mesmo após longos anos de experiência, ao tomarmos um teste da Árvore, devemos novamente, como nos primórdios de nossa aprendizagem, analisá-lo item por item, antes de compor uma síntese. Da mesma forma, após anos de prática com entrevistas, escrevê-las minuciosamente. Ou ainda, anotarmos, por inteiro, nossas observações.

Organiza-se, constrói-se, na mente do psicólogo, um esquema de pensamento psicodiagnóstico, que poderíamos pensar que depende de um esquema potencial disposicional de pensamento natural do humano, pronto a ser disparado e desenvolvido pelas experiências intelectivas e afetivas acumuladas. Portanto, um processo de aprendizagem.

Respeitadas as diferenças individuais em potencialidade, temos que, para um psicólogo em formação, o aprendizado e exercício intenso de métodos psicodiagnósticos tradicionais – a saber as técnicas de psicometria clássica, as técnicas diversas de entrevistas, questionários e inventários, bem como as variadas técnicas projetivas – dará a ele um treino indispensável para a construção e desenvolvimento em sua cognição de um pensamento psicodiagnóstico complexo, que o favorecerá em qualquer outro tipo de exercício de pensamento na área da psicologia aplicada ao humano, mesmo as aparentemente mais intuitivas e compreensivas, que habitualmente dizemos depender exclusivamente das capacidades para o sentir e para o *insight*.

O que ocorre é que no salto cognitivo, dado pelo pensamento do profissional em questão, ficou lá “esquecida” sua pré-história de ensaio e erro, de comparação por semelhança e contigüidade, de analogia e classificação, de análise e síntese, de raciocínio indutivo e dedutivo, que só podem ter sido exercitados mediante o treino árduo e obsessivo dos métodos mais psicométricos ou diretivos possíveis. Vejamos que o próprio Freud, criador da psicanálise, descobriu os pilares da teoria e do método psicanalítico com base na análise meticulosa e pormenorizada, para não dizer mesmo obsessiva, dos seus próprios sonhos e dos sonhos de seus pacientes – exemplo ímpar são os sonhos de Dora –, dos atos falhos e dos sintomas (Freud, 1900, 1901, 1905). Só a partir daí é que, dada a largada da psicanálise, foi possível chegar à metodologia atual de investigação e tratamento. E penso, só começando por aí os estudos de um futuro psicanalista, ele poderá vir a chegar a sê-lo.

Temos que, para o psicólogo, é passo indispensável e insubstituível a aprendizagem de aplicação de testes dirigidos, da análise minuciosa de seus itens e sub-itens, da comparação dos mesmos entre si, da confrontação destes com os dados históricos de entrevistas abertas e/ou dirigidas, bem como com dados atuais de observação, até o estabelecimento da capacidade de chegar a uma síntese conclusiva integrada e coerente em si mesma e com os dados da realidade. Durante o tempo todo, e cada vez mais, vai o aprendiz usando nisto o aspecto intelectual de sua cognição, que cada vez mais vai ficando subjacente até alcançar altos níveis de *insight* e intuição, aparentemente independentes da cognição intelectual. A intuição e o *insight* não são apenas a rapidez com que se juntam e compõem os dados exercitados anteriormente, eles dependem do registro afetivo concomitante, que será o facilitador desta integração.

Tal aprendizagem, podemos chamá-la deste modo, é condição para que o profissional não só venha a ter domínio completo dos diversos métodos e técnicas disponíveis em sua ciência e profissão, mas, sobretudo, para que seja propiciada a posterior transferência deste aprendizado para métodos de abordagem do objeto cada vez menos diretivos, cada vez mais subjetivos, visando cada vez mais conteúdos mais profundos da mente, com o mesmo tipo de pensamento, só que em águas

mais profundas e, portanto, passando com incrível rapidez pelas etapas iniciais de pensamento, dando a impressão de ir quase diretamente à intuição e ao *insight* da conclusão final. Este aprendizado servirá para as outras áreas de atuação não propriamente diagnósticas, mas verdadeiramente minidiagnósticas todo o tempo, que é o caso das psicoterapias em geral, inclusive da própria psicanálise.

Entretanto, o esquema de pensamento psicodiagnóstico é sempre uma forma de pensamento que define um sujeito humano, coloca-o em referência a algum tipo de norma, quer objetivo-estatística, quer teórico-filosófica, quer subjetivo-psicológica. Por isso, tem sido arduamente criticado, sobretudo as técnicas tradicionais de psicodiagnóstico, considerando-se que se perde o Sujeito (aquele que se habita) nestas técnicas. Como se algo inerente à estrutura do pensar simbólico do humano, quando este se volta para o objeto “sujeito humano”, pudesse ser erradicado e substituído, sem cair nas artes da adivinhação ou da magia. Mais ainda, afirmo que o Sujeito se captura e se constrói dentro do psiquismo do psicólogo, durante o exercício do pensamento psicodiagnóstico próprio de sua prática. Não será um Sujeito adulterado, dominado, dessujeitado, só porque o profissional fará uso de métodos tradicionais diretivos, da psicometria, por exemplo. Pode-se perder a irreducibilidade e a irreprodutibilidade do Sujeito, com qualquer técnica, qualquer método, mesmo os mais abertos e não diretivos. Pode-se utilizar quaisquer instrumentos e meios como forma de dessujeitamento. Será minha postura filosófica que dará a qualidade de meu olhar sobre o Sujeito. Será o pensamento psicodiagnóstico característico do psicólogo na relação com seu objeto de interesse que permitirá o respeito à sutileza própria do Sujeito. O Sujeito pode ser perdido por qualquer meio, em qualquer situação. Posso encontrar o Sujeito com qualquer método, até o mais positivista. Posso perdê-lo em uma sessão de psicanálise.

Ocorre-me, agora, que além de serem estes os motivos que têm levado nossos jovens recém-formados a tripudiarem os métodos tradicionais da psicologia, em prol dos assim denominados métodos alternativos, tais motivos ocultam e acompanham o movimento do final do século em busca de explicações velozes e indiscutíveis, de produtividade garantida, que expliquem a angústia humana e o estar vivo com o mesmo êxito e certeza que um produto da tecnologia informática dá ao cidadão comum que não participou da construção dele. E a mesma solução imediata e radical dos fármacos para a felicidade. Estamos a um pequeno passo da magia. E isto não é psicologia.

Desprezar, erradicar métodos construídos tão cuidadosamente em um campo tão fácil de cair na discriminação e na fluidez, não é o mesmo que substituir uma geração de computadores pela outra. É o risco de voltarmos ao ponto zero e nebuloso de uma área de conhecimento meio filosófica meio religião, ou saltarmos mais atrás, para a magia. Não é pelo uso de tais ou quais métodos que se afronta o Sujeito humano, mas sim pela leviandade e insipidez filosófica no olhar deitado sobre ele.

Pode-se proceder a um psicodiagnóstico tradicional respeitando o Sujeito, que só pode ser concebido como Sujeito humano se em referência a uma noção dada até então pela filosofia e pelas ciências humanas, pela psicologia, pela psicanálise... Qualquer inovação (estudo da psicologia das vidas passadas, estudos psico-astrológicos etc.) devem vir à guisa de um trabalho sério e metucioso, tal qual Freud procedeu, e serem submetidos à prova de realidade e à crítica feroz da comunidade científica, até serem aceitos como um dos corpos teóricos e práticos reconhecidos como possíveis dentro de nossa área de conhecimento.

Não se perde o Sujeito ao compará-lo às normas, como muitos radicalmente o querem. Pois sempre encontramos, com qualquer dos métodos psicodiagnósticos, assim declarados ou não (pois insisto aqui que psicodiagnóstico é toda e qualquer ação aplicada da psicologia ao humano), sempre descobrimos a irredutibilidade e a irreprodutibilidade típicas do Sujeito, sua sutileza e especificidade. Se assim o quisermos.

Há ainda muito estudo sério a se fazer em nossa área, de modo a entendermos cada vez melhor o que acontece, desenvolvendo cada vez mais bons métodos novos, sem execrar irresponsavelmente métodos antigos de nossa ciência, ou que simplesmente não combinem com a nossa preferência. Apenas mediante a pesquisa aplicada séria e responsável, podemos dispensar um método anteriormente comprovado. Não estou sequer me referindo à pesquisa científica tradicional, mas à investigação clínica atenta, empenhada e fecunda.

Assim, não devemos propor a nossos estudantes de psicologia que abandonem o estudo dos antigos métodos e técnicas em prol apenas dos mais novos, pois estaremos incentivando-os a se distanciarem da psicologia. E outros infalivelmente ocuparão o lugar deles, o nosso lugar, nas áreas de conhecimento e no mercado. Como tem acontecido. Os métodos e visões novas devem nos enriquecer cada vez mais, desde que estejamos previamente preparados, em nossos esquemas de pensar pelo exercício prévio e persistente dos métodos antigos.

Tarefa árdua esta que a psicologia aplicada tem por fazer, em sua função sempre em essência psicodiagnóstica. Tarefa de apreender e encapsular por momentos o espírito humano, que, no momento seguinte, já nos escapa fugidamente sendo algo mais. É esse o trabalho que o pensamento psicodiagnóstico precisa fazer. Descobrir um sujeito, que se imponha como tal, o "objeto inteiro" da psicanálise (Trinca, 1983), que, a partir de dados esparsos diversos, se revela e se constrói dentro de nós psicólogos "psicodiagnosticadores", com toda nossa cognição intelectual e emocional. O objeto desta psicologia, para mim, é um Sujeito a ser apreendido em sua singularidade subjetiva (Bucher, 1981).

Proponho entendermos o pensamento clínico como um pensamento psicodiagnóstico contínuo e fluído, intrinsecamente um processo cognitivo que é tanto intelectual quanto emocional. Pessoalmente, não gosto muito do termo

“inteligência emocional”. Penso que restringe os conceitos de inteligência e de emoção, indiscriminando-os. São dois modos de funcionamento cognitivos, diversos mas inseparáveis. Trabalham juntos. E penso, também, que melhor é o termo afeto, para mim mais amplo que o de emoção. Cognição é mais do que inteligência. Qualquer cognição é, antes de tudo, uma atitude afetiva. Cognição é afetivo-intelectiva de modo indissolúvel: dois aspectos da cognição humana sempre co-presentes no conhecimento que fazemos do mundo que nos cerca e de nós mesmos.

O *método psicodiagnóstico de pensamento*, no “bom psicodiagnosticador”, pode capturar o Sujeito em sua constante mutabilidade, em seu constante pulsar, em seu vir a ser contínuo, fazendo uso deste esquema de cognição afetivo-intelectiva, que lhe possibilitará encontrar um Sujeito inteiro, com certa margem de previsibilidade, que não fique perdido num vir a ser de absolutas possibilidades. Margem de possibilidades do Sujeito que a psicoterapia, sem o confessar, busca ampliar indefinidamente, sobretudo as psicoterapias profundas. Anseio inatingível... “análise interminável” de Freud (1936).

Quem acha que poderá vir a exercer a atividade do psicólogo, ter disponível e ágil o próprio processo psicodiagnóstico de pensamento, sem realizar todo um longo período de treinamento em tradicionais testes psicológicos, entrevistas abertas e dirigidas, questionários e observações, se equivoca. Abdicar do aprendizado tradicional adquirido desde a primeira metade deste século não é mera irreverência histórica. É o caminho para a ignorância. Queimará uma etapa insubstituível no despertar e evolução de seu esquema de pensamento psicodiagnóstico, por desprezar as etapas seguidas por nossos antecessores antes de se aventurarem em níveis maiores de intuição e *insight*. Isto, no iniciante, o fará correr os mesmos riscos que o mergulhador autônomo que deixar de *checar*, obsessivamente, seu equipamento e seus procedimentos de mergulho, com conseqüências sérias e definitivas.

Do mesmo modo que o iniciante, é saudável ao profissional experiente voltar, quando necessário e possível, ao uso dos métodos tradicionais. Senão, será equivalente a um capitão de navio que dispense o estudo de cartas náuticas, só porque os computadores resolvem tudo hoje em dia. Do mesmo modo, o piloto de avião, que deve retornar, anualmente, aos treinos com o simulador e à pilotagem manual. Ambos podem vir a precisar a qualquer momento.

Se o profissional experiente ficar um tempo significativo sem usar uma técnica, ele terá de retomar do início o treino paciente e minucioso da mesma. É claro que ele vai fazer o caminho mais rápido para recuperar-se. A acomodação do pensamento será mais rápida, e, muito provavelmente, ele conseguirá um avanço qualitativo na técnica reestudada. Com certeza, não retornará a uma técnica, que tenha deixado de usar por pelo menos cinco anos, como se a soubesse já dada, terá de retomá-la com uma certa disciplina.

Ainda mais, haverá sempre casos e situações, tanto na clínica, na escola, na indústria e em todas as instituições e grupos sociais, que nos desafiarão tanto que necessitaremos voltar ao modo manual, tradicional, de fazer as coisas, para recuperarmos nossa capacidade cognitiva e chegarmos a uma síntese satisfatória, mesmo que momentânea. Para fazer novas descobertas, diante de situações novas é preciso muitas vezes retomar os métodos antigos, revisar os mais novos, para encontrar uma saída ainda mais nova. E, mesmo, perante situações conhecidas, para mantermos nosso nível alcançado de pensamento psicodiagnóstico, é preciso às vezes voltar ao humilde exercício de um aprendiz.

Caso contrário, o ato psicodiagnóstico, característico de toda abordagem psicológica, poderá perder-se em especulações infundadas, as mais absurdas, que acabam por colocar em descrédito a psicologia, quer para os cientistas e profissionais de outras áreas, como para o público em geral. Não somos nada mais que aplicadores de uma ciência humana multifacetada, porém integrada. Possuímos um sistema próprio de pensamento, um esquema de cognição específico e, com todo o respeito, devemos zelar por ele.

Referências bibliográficas

96

- BUCHER, Richard (1981). Psicologia científica: realidade ou mito?. In *Psicologia: Ciência e Profissão*. (1): 11-37.
- FREUD, Sigmund (1900). *A interpretação dos sonhos*. E.S.B. Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- ____ (1901[1976]). *Psicopatologia da vida cotidiana*. Op. cit.
- ____ (1905[1972]). *Fragmento da análise de um caso de histeria*. Op. cit.
- ____ (1936[1975]). *Análise terminável e interminável*. Op. cit.
- TRINCA, Walter (1983). *O pensamento clínico em diagnóstico de personalidade*. Petrópolis: Vozes.

Resumos

La autora propone el psicodiagnóstico como el método psicodiagnóstico de pensamiento. Es forma de pensamiento propia y específica del psicólogo aplicado, que es aquí llamado esquema, estructura, sistema o proceso de pensamiento. El pensamiento psicodiagnóstico es proceso cognitivo, el cual, así es tanto intelectual como afectivo. Cognición es mas que inteligencia y cualquier cognición es antes actitud afectiva

Palabras llave: Psicodiagnóstico, método, pensamiento, cognición

Le psychodiagnostic est proposée comme le méthode psychodiagnostic du pensée. C'est la façon du pensée propre et spécifique du psychologue appliqué, qui c'est ici nommé schéma, structure, système ou procès de pensée. Le pensée psychodiagnostic est

ARTIGOS

procès cognitif qu'est autant intellectif qu'affectif. Cognition c'est plus qu'intelligence et quelque cognition c'est après tout attitude affectif.

Mots clé: Psychodiagnostic, méthode, pensée, cognition

It proposes the psychodiagnosis as the psychodiagnostic method of thinking. It's the applied psychologist's proper and specific way of thinking, herein called scheme, structure, system or process of thinking. The psychodiagnostic thinking is a cognitive process, which as such is as intellectual as affective. Cognition is more than intelligence, and any cognition is first of all affective attitude.

Key words: Psychodiagnosis, method, thinking, cognition